

*Leandro Ramos Betemps**

Este artigo pretendeu chamar a atenção da comunidade em geral, principalmente dos que trabalham com história e cultura, para os aspectos culturais e econômicos da colonização francesa na zona Sul do Estado. O município de Pelotas possuiu a única colônia francesa do Estado do Rio Grande do Sul, que além de sua importância para a história da imigração gaúcha deu também a Pelotas grande estímulo à sua tradição doceira, através das compotas das antigas fabricas rurais da colônia que originaram as conservas da agroindústria de Pelotas.

Palavras-chave: Colonização - Franceses - Pelotas

A presença francesa em Pelotas

A imigração francesa foi de grande importância na região do município de Pelotas, pois deu contribuição inestimável ao seu desenvolvimento. Na zona rural, através das plantações de uvas e fabricação de vinhos e na zona urbana com o desempenho principalmente no comércio, educação e cultura, sempre com grande benefício à cidade.

A presença francesa em Pelotas é antiga e deu-se inicialmente com a passagem de viajantes que não se fixaram aqui, como no caso de *Auguste de Saint-Hilaire* (1820), *Arsène Isabelle* (1834) e *Conde d'Eu* (1865), que deixaram suas observações, ou profissionais liberais como o engenheiro *Gregório Howyan*, com o projeto de saneamento para Pelotas, e os arquitetos *Dominique Pineau* e *Dominique Villard*, responsáveis pela construção do prédio da Escola Eliseu Maciel.

Saint-Hilaire, que visitou Pelotas em setembro de 1820, nos fala de dois franceses que aqui viviam: um era cirurgião e o outro era professor; talvez sejam os primeiros franceses em solo pelotense (SAINT-HILAIRE, 1987; p.82). Com a visita de *Conde d'Eu*, se cogitou pela primeira vez a idéia de estabelecer na região de Pelotas uma colônia de franceses, o que irá ocorrer pela iniciativa privada em 1880 (LEÓN, 1994; p.206).

Houve também os que por imigração espontânea se fixaram na cidade ou no campo: os cidadãos tiveram talvez maior influência porque estavam mais perto das decisões e das áreas de convivência social, como foi o caso dos franceses *Leopoldo Jouclá*, um dos diretores do Clube Comercial e por muitos anos agente consular francês; *Ambrósio Perret*, introdutor de um viveiro de plantas e árvores frutíferas vendidas para várias regiões do Rio Grande do Sul e do Brasil (BEAUX, 1976; p.86); *Alexandre Gastaud*, responsável pela instalação da energia elétrica na Santa Casa de Misericórdia em Pelotas (BEAUX, 1976; p.50); e o dentista *Amadeu Gastal*, pioneiro no fabrico de compotas de pêssego e no plantio de eucaliptos, iniciado por ele em 1876 (BEAUX, 1976; p.99); podemos citar ainda um nome (que lembra ser de origem francesa) do fotógrafo *Baptiste Lhullier* que já trabalhava em Pelotas em 1875.

Famílias abastadas de Pelotas mandavam vir da França professores para os filhos, entre eles: *Charles Bachelléry* que fundou um dos colégios mais famosos de Pelotas e do Rio Grande do Sul onde se fazia até exercício de tiro (BEAUX, 1976; p.53); *Afonso Emílio Massot* e *Luís Carlos Massot* que em 1886 fundam o colégio

* Graduado em Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal de Pelotas.

Evolução fechado em 1893 com a guerra civil, *Aristides Guidony* que fundou o colégio Francês com aulas de esgrima, ginástica e dança¹; *Berta Jeaneret* com um colégio para meninas; e *Carlos André Laquintinie* que, entre outros, ministravam nas residências aulas particulares, lecionando as primeiras letras, gramática, aritmética, geografia, história, matemática, latim, francês, artes, bordados, croché, piano, pintura, boas maneiras e caligrafia. Trazer professores franceses para ensinar aos filhos da terra nos indica que a cultura francesa era bem aceita entre as famílias pelotenses.

E mesmo os estrangeiros que se fixaram no campo não ficaram totalmente isolados pois devido à proximidade com a cidade podiam fazer uma pequena atividade mercantil, onde também vinham buscar gêneros que não podiam produzir na colônia como tecidos e açúcar.

Segundo Klaus Becker, Pelotas, que no século XIX retomou seu crescimento após a Revolução Farroupilha, recebeu bom número de franceses a partir de 1843 (BECKER,1956; p.322-324). Estes franceses, segundo Fernando Osório, teriam fundado a primeira loja maçônica que se organizou nesta cidade, aparecendo aqui mais um lugar de atuação dos franceses em Pelotas (OSÓRIO,1962; p.191).

Entre estes franceses, chegados a partir de 1844, poucos requereram naturalização brasileira, como podemos conferir no livro de Registro de Naturalização de Estrangeiros da Câmara de Pelotas, que hoje está no Museu da Biblioteca Pública em Pelotas. E mesmo com a grande naturalização que ocorreu com a proclamação da República em 1889, muitos estrangeiros se fizeram registrar dizendo não aceitar a naturalização, havendo um livro próprio para tal fim, também hoje encontrado no Museu da Biblioteca Pública Pelotense.

Em 1875, segundo dados da Repartição das Terras Públicas, somam-se 648 colonos franceses na Província (BEAUX,1976; p. 86). A presença de franceses antes de 1874, data de sua entrada como colonos, era feita de caráter espontâneo e geralmente buscavam habitar as vilas porque eram em sua maioria professores, artistas e comerciantes. E Pelotas, com certeza, estava entre as cidades mais procuradas pelos imigrantes, primeiro por ser um dos maiores núcleos urbanos e também por ser uma cidade onde a cultura européia era marcante, onde havia muitas inovações que, comparadas com outras cidades da Província, demonstravam seu desenvolvimento e modernização. Entre estes acréscimos estavam a iluminação a gás, as linhas de Bonde, o serviço de águas e esgotos com a vinda de chafarizes franceses em 1873, o calçamento das ruas centrais, a desobstrução do canal de São Gonçalo permitindo o ingresso de navios maiores em nosso porto. O historiador Mario Osorio Magalhães, conta-nos que Pelotas se autodenominava 'Princesa do Sul' considerando-se diferente em meio a campanha e "(...) não era só para os pelotenses que Pelotas se afigurava a 'Princesa dos campos do Sul' (...) chamava a atenção da Província e para a Província" (MAGALHÃES,1993; p.106).

Nosso município abriga a única colônia francesa existente no Rio Grande do Sul, este fato torna a colônia de Santo Antônio, no distrito do Quilombo, um rico exemplar desta colonização no Estado e também um recanto peculiar para a história da imigração gaúcha. As famílias francesas foram a base para a origem de quatro núcleos coloniais (GRANDO,1986; p.103) na Província do Rio Grande do Sul, porém apenas em Santo Antônio um núcleo com franceses encontrou condições de se reproduzir e se manter economicamente.

Nos outros núcleos, os franceses, não encontrando um apoio muito forte por parte do governo, tiveram de lutar muitas vezes sozinhos para sobreviver e em pouco tempo acabaram sendo envolvidos por uma massa italo-germânica que dominou as correntes imigratórias na Província. Estes núcleos foram as colônias de Conde d'Eu e Isabel em 1870, chegando 48 franceses em 1872, segundo uma declaração do secretário da Intendência Municipal de Bento Gonçalves,

¹ Conf. *Correio Mercantil* de 08/01/1875.

(SPALDING,1956; p.175-206). Ainda segundo Spalding, sabemos que sua presença foi percebida num terceiro núcleo, no município de Montenegro (BEAUX,1976; p.51).

Em 1857 foi criada a colônia de São Feliciano, atual município de Dom Feliciano, mas que só passou a receber imigrantes em 1873 quando o agrimensor e diretor da colônia Auguste Napoléon de Saint Brisson terminou a medição dos lotes. Os colonos para lá enviados eram extremamente pobres e o diretor auxiliou-os com o próprio dinheiro.

Esta colônia, quarto e último núcleo de franceses na Província, não era uma colônia somente de franceses, havia outras nacionalidades. Mas ela passou a atrair quase todos os colonos franceses chegados na Província, onde se mantiveram mais isolados e evitaram a miscigenação com outros colonos como ocorreu nos outros núcleos. Resistiram por mais tempo, até abandonarem-na para fundarem uma colônia de iniciativa privada, chamada Santo Antônio, no município de Pelotas, o nosso principal objetivo.

No ano de 1877, um equívoco administrativo entre a Província e o Império dá por extinta a colônia de São Feliciano. Pelo quadro vemos que os franceses começam a abandonar São Feliciano, enquanto os que ficam não ganham mais nenhum apoio do governo.

| Habitantes da Colônia São Feliciano | Ano 1874 | Ano 1876 | Ano 1878 | Ano 1881 |
|-------------------------------------|----------|----------|----------|----------|
| Moradores Franceses | 80 | 147 | 96 | 40 |
| População total | 84 | 167 | 165 | 188 |

Em 1881, a Província volta a inteirar-se de São Feliciano, contratando o barão Von Kalden, para examinar se era viável manter a colonização naquele lugar (RELATÓRIO, 1881). O Barão encontra uma colônia isolada no mato, em completa estagnação, não existindo casa de comércio, moinho ou ferraria. Os moradores habitam ranchos de capim, as picadas do interior da colônia são veredas estreitas, em que mal passam um cavalo, não há poteiros (terras cercadas para pastagens) e nem vacas de leite. Dos 159 lotes provinciais, 54 estavam ocupados e 105 estão disponíveis, sendo que 87 nem chegaram a ser distribuídos. Kalden conclui, em seu relatório de 1881, que a terra é de boa qualidade, própria para agricultura e em quantidade suficiente para ser colônia. Mas a colônia deve receber algumas melhorias para se desenvolver, o que irá acontecer quando da chegada em 1890 de colonos poloneses custeados pelo governo. Em 1894, não há mais nenhum francês na colônia de São Feliciano (TWORKOWSKI,1984; p.12).

A Colônia Francesa de Santo Antônio

Em fins de 1879, os franceses de São Feliciano buscavam novos lugares para morar. Sabe-se de um documento onde há uma relação de colonos que querem comprar terras em outras colônias.² Eles saíram em busca deste lugar e a região de Pelotas parecia atraente. Entraram em contato com um comerciante atacadista de nome João Antônio Pinheiro, que havia comprado umas terras na Serra dos Tapes, antigas doações feitas a Francisco Gouveia da Silva em 1818. Nesta data de terras que comprou, e que perfaziam inicialmente 2.500 hectares, o tenente coronel Pinheiro, depois de negociar com os franceses, organizou um núcleo agrícola.

² Arquivo pessoal do Sr. Lino Ribes, colônia Santo Antônio, Pelotas.

João Antônio Pinheiro (nascido em 19/09/1837; em Piratini) se empregou ainda jovem na casa comercial de Lázaro Soares Viana, pai de Joaquina das Chagas Soares com quem veio a casar mais tarde e de quem teve um único filho: Augusto Leão Pinheiro (nascido 11/04/1863; em Piratini).

Em 1874, a família vem para Pelotas onde teria mais condições de dar melhores estudos para o filho que depois exerceu atividade no comércio fundado por seu pai em Pelotas. Esse comércio era inicialmente apenas de materiais de construção, mas depois foi aumentado com um depósito de ferros importados da Europa.

Entre 1885 e 1886, pai e filho se alistam no partido de propaganda republicana de Pelotas, sendo sócios fundadores do Clube 20 de Setembro. João Pinheiro, assim como seu filho, foi membro de várias associações como a Santa Casa de Misericórdia e a Associação Theatro Sete de Abril.

Após ter fundado a colônia que posteriormente os franceses chamaram de Santo Antônio, Pinheiro fundou outra colônia em terras próximas a Estação Rio Negro; fundou a Quinta Aliança, que era uma granja em Pelotas para a exploração da viticultura; criava gado em Bagé e São Lourenço. Em 1886, empreendeu outra colônia, desta vez em Mato Grosso, e para lá mandou os primeiros gaúchos, mas não obteve êxito, devido a problemas com a burocracia governamental. Também tentou explorar uma mina de cobre, no município de Lavras, mas os gastos eram muitos e causavam prejuízos.

João Pinheiro vendeu os primeiros lotes por 800\$000 réis, para serem pagos com ótimos prazos. Adiantou dinheiro aos colonos lhes proporcionando ajuda para os primeiros tempos. Tornou-se amigo dos colonos e de muitos se tornou 'compadre'. A escola que existe na colônia de Santo Antônio, hoje infelizmente desativada pela Prefeitura porque dizem não ter crianças suficiente para poder funcionar, tem o nome da primeira esposa do fundador, chama-se Escola Joaquina Soares Pinheiro e foi construída depois da Festa do cinquentenário em 1930, graças a união dos colonos, que doaram o terreno para isso.

Aspectos de sua estrutura

Até 1886, novos lotes foram sendo incorporados ao núcleo francês inicial, desta vez juntando-se os seguintes alemães: Hannemann, Konrad, Mielke, Reinhardt, Mohnsan, Milach, Schiller, Schubert, Klug, Berg, Felbilac, Ulrich, Ehlert, Ketz, Erbitch, Gueiritch, Tessmann, Bernt e Lange. Também algumas famílias italianas: Ferrari, Peverada, Larroque, Cazari, Romano e Bachini. E uma família de moradores das Ilhas Canárias: Postigos. Ainda soubemos de outras famílias francesas, suíças e italianas que teriam passado pela colônia mas que não se fixaram, entre elas algumas também vindas de São Feliciano: Eugênio Vannuer (francês), Augusto Cousie (francês), Emílio Cousin ou Chosen (francês), José Rosso, italiano nascido em 1839, viúvo de Ana Francisca Duranda. Mudaram-se para a colônia Maciel ainda no início da colônia francesa, João Rosso (italiano), Domenico Duranda (italiano) e Clemente e José Zurschmitten (suíços).

Segundo Ullrich a colônia de Santo Antônio estava localizada entre os arroios Quilombo, Andradas e Pelotas, até a encosta dos Três Serros. Conta Ullrich que o local era de mata virgem quando os franceses chegaram, e estes foram abrindo a mata e fazendo suas plantações (ULLRICH,1984; p.57-74).

Originalmente, a colônia foi dividida em 3 seções: 2 para franceses e 1 para alemães, mas que depois foi desaparecendo porque colonos de outras nacionalidades foram comprando as terras, o que também alterou hábitos e costumes locais, igualando a colônia de Santo Antônio às outras colônias da região.

Na parte francesa há duas picadas: a dos Andradas e a francesa. Em 1897 a picada dos Andradas continha 19 lares com 100 moradores aproximadamente. Lá

moravam, entre outras, as seguintes famílias³:

Charnaud: François Charles Charnaud, vindo da França com a esposa Amelie Josephine Renault, viveu na colônia Santo Antônio e decidiu voltar para a França. Quando estavam no Rio de Janeiro para embarcar, a esposa morreu com febre amarela e François resolveu retornar para a colônia em Pelotas onde casou em segundas núpcias com Fanie Bernard, natural dos Hautes Alpes na França de onde veio com a irmã Marie Bernard casada com Pierre Escallier. François e Fanie tiveram os filhos: Maria Agostinha, Luiz Romeu e Alfredo.

Magallon: Auguste François Magallon casou em São Feliciano com Marie Françoise Colomby e eram proprietários de 22 hectares. Tiveram uma menina falecida em São Feliciano, Cecília Emabelie, Maria Agostinha, Augusto (que herdou as terras do pai, do sogro e adquiriu outras totalizando 65 hectares), Maria Luiza e Leontina.

Conte: Jean Conte, nascido na Itália, mas considerado imigrante da França, veio para o Brasil com pelo menos um irmão. Casou em São Feliciano com Josephine Isabelle Gerard vindo para Pelotas onde tiveram os filhos: Luiz falecido criança e duas filhas casadas: Sophia com Augusto Magallon e Maria Francisca com Francisco Ney.

Ney: Victor Ney casou em Camaquã com Alexandrine Colomby. É provável que Vitor Ney tenha vindo solteiro para o Brasil, sabe-se que deixou um irmão que era militar na França. Foram pro-prietários de 40 hectares em Santo Antônio. Tiveram os filhos: Francisco, Alexandrina, Luiz, Vergínio, Eugênia casada com o italiano Nicolau Larroque Filho, Augusto, Maria casada com um alemão, Victor Francisco e José casado com Angelina Colomby.

Gerard: Saturnen Gerard, italiano, viúvo de Sophia Mési, veio para o Brasil com três filhas: Josephina Isabelle, Maria Agatha e Angelina, pelo menos duas eram casadas. Saturnen era um leigo que às vezes fazia a encomendação de corpos nos enterros pois não havia padres na colônia, e somente Saturnen sabia rezar em latim.

Tourin: Isidore Tourin, francês, adquiriu 6 hectares de terras na colônia, depois desta já ter alguns anos de formada, mas acabou vendendo as terras ao antigo dono e ainda solteiro retornou a França logo após terminada a Primeira Guerra Mundial. Segundo Lino Ribes, um morador na Colônia francesa, ele ainda escreveu algumas vezes para os franceses em Santo Antônio.

Colomby: Joseph François Andre Colomby casado na França com Marie Angélique Thoby, emigraram pelo porto do Havre em 1873, sendo um dos primeiros a chegarem em São Feliciano. Tiveram os filhos: Marie Françoise casada com Auguste Magallon, Louis Alexandre casado com Angeline Gerard, Alexandrine casada com Victor Ney, Augusta casada com Bichet, Louis Théophilo casado com uma brasileira, Marie Angelea e Andre Thomaz.

Bichet: Claude François Bichet, natural do departamento de Doubs na França, casou em Camaquã com Augusta Colomby, moraram em Santo Antônio, mas mudaram-se em 1899 para a Colônia Maciel. Tiveram os filhos: Luiz, Eduardo, Luiza casada com o francês Emílio Guiot que também moraram algum tempo em Santo Antônio; Eloy; Ernesto; Josephina casada com o italiano Ricardo Aldrighi; Júlia e Izolina.

Lahut: Emile Lahut ou Lahude casou na França com Cezarine Beauvalet, provavelmente uma irmã de Arthur Beauvalet. Lahut era proprietário de 32 hectares em Santo Antônio e aqui chegou com os filhos: Jean, Amelie e Marguerite. Ainda não nos foi possível rastrear seus paradeiros, sabe-se apenas que saíram ainda no início da colônia.

³ As informações sobre as famílias foram adquiridas através de entrevistas com seus descendentes, em documentos de cartórios, arquivos, jornais de época dos quais muitos estou de posse. Se o leitor conhecer alguma destas famílias poderá entrar em contato conosco e nos auxiliar neste trabalho.

Beauvalet: Arthur Achilles Beauvalet, casado na França com Louise, tudo indica que não passaram por São Feliciano pois em 1873 já viviam em Pelotas. Sendo jardineiro, Achilles fez um bom trabalho de embelezamento da praça da cidade (hoje Praça Coronel Pedro Osório). Costumava comentar que fez um trabalho onde ninguém mais poderia ter feito, provavelmente dizia isso porque o vão central onde hoje é a praça era um local muito alagadiço e intransitável. Os Beauvalet possuíam 36 hectares na colônia Santo Antônio e para cá vieram trazendo os filhos: Blanche, Edouard e Ernesto que trabalhou como jardineiro na Quinta de Ambrósio Perret.

Bétemps: Jean François Bétemps, natural da Savóia italiana, viúvo de Marie Monique Claudine Claupe-Vevey, veio para o Brasil na companhia dos filhos: Melanie; Alexis, casado com uma catarinense, esteve por vários anos morando na Argentina antes de vir para o Brasil; Jermain; Felix, casado em São José do Patrocínio com Maria Francesca Fiou, mudaram-se para Pelotas em 1881, fabricava vinho e registrou sua cantina em 1924; Baptistine, Joseph; Marie; e Victor Jean, que casou com uma brasileira e moraram na cidade de Rio Grande.

Bertholon: Eram dois irmãos, Alexandre e Felix Bertholon. Chegaram da França em 1873 e vieram diretamente para Pelotas, onde trabalharam como ferreiros nas 'Três Vendas' antes de irem plantar parreiras na colônia francesa. Faleceram solteiros e suas terras foram herdadas por Jean Capdeboscq.

Raffi: Jean Raffis, ou Raffy, como ficou o nome, ao aportar no Brasil, depois de ter estado em Buenos Aires. Casou em São Feliciano com a brasileira Generosa da Silva. Em Santo Antônio, adquiriu 30 hectares onde viveu com os filhos: Flor casada com Hermenegildo Pinheiro Cardozo, e Modesto casado com Alexandrina Ney.

Lourant: Louis Lourant ou Laurent, casado com Catarine ou Cezarine Steinner, possuíam 36 hectares em Santo Antônio, aqui tiveram três filhas: Paulina casada com Pedro Bohns; Josefina casada com Augusto Frechu; e Maria casada com Mario Sacco sendo este último proprietário de uma fábrica de 'gasosa' em Pelotas. As terras de Louis Lourant foram vendidas para Modesto Raffy. Junto com Lourant morava um cunhado, Joseph Steinner ou Steinle, natural da França que faleceu solteiro e sem descendentes.

Nesta picada ainda viviam as famílias Ferrari, Cazari e Postigos. Ao norte desta picada estava localizada a fábrica de papel, propriedade dos italianos Bonnora e Piccardo. A fábrica era movida à água e foi inaugurada em 1892, mas não foi uma empresa muito duradoura, devido a desentendimentos entre os donos.

Ao sul desta picada se encontra a picada francesa, que foi a primeira a ser ocupada, e que contava em 1897 com 22 lares e cerca de 150 moradores, sendo a maioria das casas já de alvenaria com porão. Nesta picada moravam:

Carret: Louis Modest Carret casado na França com Jeanne Micheaux. Vieram para o Brasil com a primogênita, eram proprietários de 44 hectares em Santo Antônio. Tempos depois o casal voltou para a França acompanhado do filho Augusto, mas breve retornaram ao Brasil ficando por lá o Augusto que faleceu lutando na Primeira Guerra Mundial. Tiveram os filhos: Rossete; João Luis; Emílio; Augusto; e André.

Wahast: Oscar Wahast, casado com Silvie Octavie Lesarge, veio com a família em dezembro de 1880 para a colônia Santo Antônio, onde havia comprado 30 hectares. Anos depois vendeu suas terras para Augusto Pastorello e foi morar em Sanga Funda, município de Canguçu, onde contam que ambos foram assassinados durante um assalto. Tiveram os filhos: Amelie, Oscar, que fazia serviços de enfermagem e era casado com Louise Ribes; Emílio (assassinado) e Blanche que foi noiva de François Charnaud e faleceu de sarampo aos 20 anos de idade.

Martim: Jean Martim casou com Rosa Jouglard, franceses dos Alpes, vieram para São Feliciano e dali partiram entre os primeiros para Santo Antônio, chegando

nesta colônia em 19 de setembro de 1880, sendo o dia seguinte considerado da fundação da colônia. Tiveram os filhos: Jean; Marius; Rosa, casada com Julio Chollet; Pedro, casado com Amelie Wahast; Leon casado com Rosete Carret; Julio; Hipolito; Adelaide, casada com um brasileiro; e Augusto, casado com Emília Pastorello.

Escallier: Pierre Escallier casado com Marie Bernard estiveram em São Feliciano e depois em Santo Antônio onde compraram 40 hectares. Vieram da França com os filhos: Jean Joseph, Elisia Paulina, Pierre; e Marie, casada com um italiano de nome Francisco Cuoco. Em São Feliciano nasceram os filhos Josefina e Julia. Na colônia Santo Antônio nasceu outro filho: Julio Pedro, que depois se mudou para o município de Canguçu.

Crochemore: Auguste Alphonse Crochemore e Rosaline Felicite Goutier vieram para o Brasil com o filho: Alphonse Elisèe Felix Crochemore, que casou três vezes e deixou vários descendentes de seu primeiro matrimônio com a francesa Elisia Paulina Escallier, sendo proprietários, inicialmente de 35 hectares, mas no ano de 1933 já possuíam 60 hectares. Seus descendentes mudaram-se para a Vila Nova, localidade do distrito do Quilombo, divisa da colônia francesa, onde tinham uma olaria.

Ribes: Auguste Antoine Ribe, que no Brasil foi acrescentado um 's' ficando 'Ribes', partiu do departamento francês de Drome com sua esposa Eugenie Rebour e seus filhos para a colônia de São Feliciano, vindo a ocupar um lote de 20 hectares em Santo Antônio, colônia para a qual seu filho Gustave havia se transferido em 1880. Vieram da França com os filhos: Gustave; Lucie Marie, casada com o suíço Joseph Zurschmiten que veio da França, com a família Ribes e depois se mudaram para o município de Canguçu: Eugenie Louise; Alcides; Louis, que comprou terras próximo ao arroio Andrade e construiu uma represa e um moinho que acionava uma famosa serraria geradora de lucros que lhe possibilitaram erguer o único sobrado da colônia francesa; Marie Hortense; Louise e Rezeda Pauline. Em São Feliciano tiveram ainda os filhos: Dedimah e Adolpho.

Gaumme: Aristin Gaumme, francês, casou-se em São Feliciano com a brasileira Maria da Silva, eram proprietários de 8 hectares em Santo Antônio.

Capdeboscq: Jean Capdeboscq, natural da Bretanha, casou em São José do Patrocínio com Marie Jeanne Renard, natural da cidade de Lion. Veio para Pelotas com outros companheiros onde comprou 33 hectares em Santo Antônio. Jean criou uma Quinta onde fabricava vinho e que depois deixou para o filho Daniel indo para a cidade de Pelotas, onde fundou o Hotel Colonial. Pais de Maria Luiza, nascida em São Feliciano e Daniel, que foi subprefeito, subdelegado de polícia, juiz distrital, fabricante de vinhos, licores e compotas. E ainda os filhos: João Luiz, Amely, casada em segundas núpcias com Rodolpho Bonat e Pedro Augusto que era afilhado de Pedro Osório, ilustre figura na política pelotense.

Arbey: Joseph Arbey ou Harbet, ou ainda Harbes, era um francês casado com Marie Louise que imigrou para a Argentina com uma filha, Marie Louise. Na Argentina tiveram um filho, Luis Achilles. Quando de passagem pelo Uruguai tiveram dois filhos: João José e Francisco José. Ao chegarem ao Brasil tiveram o último filho de que se tem notícia, Gustavo. Em Santo Antônio tinham 32 hectares de onde retiraram-se em maio de 1886 para se estabelecer definitivamente na colônia Maciel, recebendo estas escrituras em junho de 1888.

Palavet: Jules Palavet e Marie Celestine Delarme, estiveram de passagem pela colônia Santo Antônio; não pudemos comprovar se eram proprietários, mas tiveram duas filhas: Francina e Celestina, casada com Joseph Cousin ou Chosen, que possuía 19 hectares em Santo Antônio, em 1933.

Pastorello: Domenico Pastorello, casado com Catarina Constantina Augeri, eram italianos radicados na França. Em Santo Antônio, possuía inicialmente 18 hectares. Em 1900, fundou a primeira fábrica de conservas em Santo Antônio. Fabricavam vinho e faziam compotas de pêssego e conservas de ervilha. Eram pais

de Emília Margarida; Irineu; Maria Julieta, casada com Emílio Ribes cujos descendentes seguiram com a Quinta Pastorello até 1972; e Augusto, nascido na França, que fez vários trabalhos em escultura e litogravura, recebendo encomendas para o Clube Caixeiral, a Prefeitura de Piratini, a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, e alguns bustos e placas comemorativas que ainda hoje estão embelezando praças e vias públicas de Pelotas. Foi também Augusto Pastorello quem projetou o obelisco erguido pelos franceses em 1930 para comemorarem os 50 anos de fundação da colônia francesa.

Fouchy: Simeon Fouchy e Marie Antoinete Magdalena Thoma, franceses da região parisiense, estiveram em Curitiba e em São Feliciano, onde deixaram uma filha casada com Gustave Ribes, antes de virem para terras de Domásio Moreira no Passo do Retiro. Quando os franceses, incluindo o genro Gustave Ribes, vieram para fundar a colônia Santo Antônio, em 1880. Seu filho Franquillim Fouchy já seguiu com eles, e tempos depois toda a família se transfere para a colônia francesa e ocupa 22 hectares que haviam comprado. Os Fouchy tiveram os filhos: Marcelina casada com Gustave Ribes; Isidore, casado com Marie Hortense Ribes; Franquillin Alexandre, casado com Eugenie Louise Ribes; Angelea Delphinia, casada com Jules Albert Longchamp; e, por, último Jules, Clement casado com Henriqueta Arnoldt.

Fuzeri: Bartholomé Fuzeri ou Fugieri, italiano, veio com os Pastorello e também esteve em São Feliciano. Solteiro não teve filhos e está sepultado no túmulo da família Jouglard no cemitério da colônia francesa.

Jouglard: Pierre Celestin Jouglard, casado com Marie esteve em São Feliciano e veio para Santo Antônio em 1880 onde tinham 44 hectares de terras. O casal Jouglard construiu sua casa com pedras encontradas nas proximidades, e foi a primeira casa construída na colônia (1886); as paredes eram de cascalho grosso, pedras não muito grandes, apenas os cantos das paredes e o alicerce eram de uma pedra maior para firmar. Hoje esta casa não existe mais, mas existem outras que mostram este estilo seguido em outras moradias construídas conforme o desenvolvimento econômico da colônia. Antes as casas eram ranchos rústicos com poucas aberturas e cobertos com palha, possuíam um porão com porta para a rua, que servia para armazenar vinhos e colheitas, muitas vezes aproveitando o desnível do terreno. O alicerce das casas era feito de pedras e formava as paredes do porão, as pedras, sem o cuidado com as formas eram apenas sobrepostas. Os Jouglard aqui chegaram apenas com sua primogênita, Marie Louise, tendo nascido posteriormente, os filhos, Pedro, Julio e Celestino.

Jacob: Luiz Jacob, casado com Philomene eram proprietários de 20 hectares, saíram muito cedo da colônia e ainda não nos foi possível descobrir seus destinos. Tiveram os filhos: Cecília, Emílio, Luiz e Vítório.

Longchamp: Jules Albert Longchamp, francês de Marselha, veio com os pais Lucien Longchamp e Veronique Dephilet para o Brasil, e tudo indica que não passaram por São Feliciano; alguns dizem que passaram por outros lugares antes de virem para o Rio Grande do Sul, mas isto não foi comprovado. O certo é que Lucien ou Lucio Longchamp já morava com dois filhos, Chiebaud Louis e Aristin ou Aristides Longchamp, no Monte Bonito, perto da colônia francesa em 1886. Chiebaud, dizem, morreu tragicamente por má digestão ou engasgado com algo e Aristin foi expulso do convívio familiar, ou fugiu com uma negra para o Capão do Leão, onde trabalhou nas pedreiras deste lugar. Já Jules Albert Longchamp casou com Angelea Fouchy e foi morar na colônia francesa tendo os seguintes filhos: Albertina, casada com Daniel Capdeboscq; Alfredo, Clotildes e Leontina Marcelina. Após ter enviuvado, Jules Albert casou em segundas núpcias com Marie Hortense Ribes, viúva de seu cunhado Isidore Fouchy, tendo os filhos: Maria Hortência, Otilia Leonor e Julio Alberto.

Vida cultural e material

Quanto à educação, havia na colônia uma escola, somente para meninos, na propriedade dos Capdeboscq e o professor tinha de vir de muito longe, o que causava problemas com a assiduidade das aulas. Os franceses não ensinavam em francês, preferiam um professor brasileiro. Em uma Cópia de um abaixo assinado de moradores da colônia Santo Antônio entregue para a Intendência Municipal, que é da mesma época do artigo de Ullrich, podemos ler seus pedidos:

"Nós abaixo assinados em nome da Colônia de Santo Antônio, vimos a vossa presença solicitar-vos, de, por sua parte tomar em consideração que a respectiva Colônia se acha sem escola há cerca de dois anos, isto é, havia um professor por nome José da Fontoura Filho, que frequentava a aula hora e meia por dia, e, uns meses pelos outros, 6 a 7 dias por mes, isto durou um ano mais ou menos; nós coloniais, não podendo sofrer que sessenta crianças ficassem privadas de instrução primária, fizemos digo de instrução em lugar de aprender retrogradavam, e aproveitando a reforma da instrução primária, fizemos um abaixo assinado e várias queixas pessoais, e depois de verificar-se da pura verdade nos foi prometido a mudança deste, e, nos dar uma escola mista, mas já decorrem nove meses e não vemos nada. Em vista disto vimos rogar a V. S. de usar da vossa (...) para nos fazer obter a dita escola mista, de que lhe ficaríamos imensamente agradecidos.

Colônia Santo Antônio, 2 de Abril de 1898.

Ao muito digno Indendente Dr. Antero.

Assinam: Victorino Leivas/ Adolpho Ribes/ Marius Martin/ Jules Chollet/ Hippolyte Martin/ Joanni Russo/ Oscar Wahast/ Pedro Martin/ Jean Capdeboscq/ Alberto Lonchomp/ Joaquim Pinheiro Cardoso/ Antônio Castro Garcia/ Francisco de P(...)/ Joaquim Rodrigues/ Ferreira Braga/ Girard Saturnim/ Eusébio Perreira dos Santos/ Felix Betemps/ João Nunes Vieira/ Luis Ribes/ Antônio Castro/ Leão Martin/ Marcolino Ritta/ José Iscorcel/ Aleixo Betiene/ Achille Beauvalet/ Alfredo Augusto Renk/ Magallon Augustin/ Francisco Charnaud/ Ricardo J(...)/ Biloni Cogas/ João Benye/ Francisco Cuoco." 4

Na colônia havia também um cemitério francês, em terreno particular, sendo que os franceses não quiseram fazer uso do lote que foi doado por João Pinheiro a todos os colonos alemães ou franceses de Santo Antônio conforme documento arquivado no Museu da Biblioteca Pública Pelotense:

"O major João Antônio Pinheiro e sua mulher D. Joaquina Soares Pinheiro sendo senhores e possuidores livre e desembaraçados, de qualquer onus de meio prazo colonial número 19, com 149.599 metros quadrados de área superficial, na colônia Santo Antônio, situada entre os arroios Andrada e Quilombo e os três Cerros, havido por compra com mais terrenos aos herdeiros de Joaquim Antônio Gouveia, desse meio prazo colonial fazem doação hoje para sempre à mesma colônia Santo Antônio, no valor de 300\$000 réis, com iguais direitos a todos os colonos que habitam ou venham a habitar na referida colônia, seja de qual for sua nacionalidade ou religião para o fim exclusivo de nesse terreno serem estabelecidos pelos mesmos colonos escolas, igrejas, cemitério ou qualquer estabelecimento de instrução.

E para os devidos efeitos mandam passar o presente. Que assinam com duas testemunhas.

⁴ Arquivo pessoal da pesquisadora Alda Jaccottet, Pelotas.

*Pelotas, 02 de setembro de 1889.
João Antônio Pinheiro
Joaquina Soares Pinheiro
Testemunhas: Arthur R. dos Santos e Pedro Palhares
Tabelião Miguel Rag. Barcelos”⁵*

As estradas da colônia também eram mantidas pelos próprios colonos e já em 1897 não havia mais terras para vender em Santo Antônio, a não ser em caso de motivo de mudança do colono ou em reparte de heranças.

O desenvolvimento da colônia

Na primeira década após a fundação da colônia, ou seja de 1880 a 1890, os colonos acostumados com as dificuldades em São Feliciano, comiam o que achavam no mato, desde palmito dos coqueiros até frutas silvestres. Durante as primeiras plantações de batata inglesa, milho e feijão para o próprio consumo, coletavam e comercializavam na cidade lenhas e cascas de algumas árvores que eram usadas como tinta para o tingimento de couro nos curtumes.

Mas em seguida passaram a procurar um produto para o comércio, algo que fosse rentável, e que não fosse apenas os produtos para subsistência, e isto foi um pioneirismo na colônia francesa, porque as outras só plantavam produtos para o autoconsumo.

Visando o comércio, tentaram primeiro o fumo, depois o piretro e em menor quantidade a cana de açúcar. Depois começaram a cultivar a alfafa e a uva e já na década de 1890 a alfafa se torna o primeiro produto a ser explorado comercialmente por toda a colônia.

Os colonos que não tivessem dinheiro suficiente para ser agricultor ou comercializar seus produtos, podiam procurar outras atividades, como nos desmatamentos, nas roças de outros em parceria, na ceifa, recebendo salários conforme a sua produtividade no trabalho.

A produção de alfafa garantiu melhorias e trouxe desenvolvimento para Santo Antônio. Algumas famílias puderam investir em pomares com laranja, marmelo, pêras, maçãs, pêssego e uva, o que levou ao aparecimento de pequenas fábricas rurais, origem da agroindústria de Pelotas, a primeira em 1900, de propriedade da família Pastorello.

A uva, nas espécies americanas que eram as mais difundidas no Rio Grande do Sul, já eram cultivadas por alguns desde a fundação de Santo Antônio. Em 1898, conforme GRANDO (1990), cada família francesa já tinha seu vinhedo para autoconsumo sem fins lucrativos, havia poucas adegas e o vinho era considerado bom por técnicos da Escola de Agronomia Eliseu Maciel que fazia visitas aos franceses.

Entre 1913 e 1914, Alberto Coelho da Cunha esteve no interior do município de Pelotas entrevistando alguns colonos. Na colônia de Santo Antônio, encontrou cultivadores franceses de parreiras e de alfafa.

Na década de 30, há uma expansão do cultivo do pêssego, que vinha se mostrando a fruta mais comum a ser cultivada, e o vinho, os quais passam a ser a base econômica da colônia sem detrimento ainda da alfafa.

Na década de 40 e 50, há um grande comércio de frutas, legumes e hortaliças, porém a alfafa e a uva ainda têm muita força econômica, mas nos anos 50 o vinho declina consideravelmente.

A partir da década de 60, os pessegueiros predominam onde antes havia parreiras, devido a problemas em atender às exigências que o governo vinha impondo desde a década de 30. Também nesta época os maiores produtores já

⁵ Certidão arquivada na pasta 562 do *Museu da Biblioteca Pública Pelotense*, Pelotas.

tinham falecido e suas plantações e propriedades tinham sofrido divisões entre os herdeiros que não tiveram a mesma capacidade em levar adiante os negócios da família. A venda de propriedades e a saída de muitas famílias, agravou ainda mais o decréscimo da colônia.

Outro fato curioso é que a cultura do pêssego, agora dominante, se espalha pelas outras colônias, o que não tinha acontecido nas primeiras décadas do século XX com o cultivo da uva que só ficou na colônia de Santo Antônio. Pelotas com certeza deve aos franceses essa difusão do pêssego.

Conclusão

A imigração foi importante para desenvolver o município, haja visto as modernizações que foram sendo implantadas na segunda metade do século XIX e que atraíram para Pelotas muitos imigrantes europeus. Como vimos, os franceses vieram para cá num número bem expressivo provavelmente pela receptividade de Pelotas aos costumes e cultura francesa.

Quanto aos franceses da zona rural, estes não ficaram à parte dos acontecimentos, e ajudaram pelo cultivo do pêssego e de vinho no crescimento da economia pelotense. Não pelas vinícolas, como ocorreu na região dos italianos na serra gaúcha, mas pelas conservas e compotas que deram origem às agroindústrias de Pelotas e auxiliaram em muito a Pelotas ser reconhecida como a cidade do doce e a maior cidade produtora de pêssegos. Cabe a toda a comunidade não deixar perder-se a memória da imigração francesa na região, é compromisso principalmente daqueles que trabalham com as ciências humanas, como a História, em nossa cidade.

Bibliografia

Fontes Primárias:

Arquivo pessoal da pesquisadora Alda Jaccottet, Pelotas.

Arquivo pessoal do Sr. Lino Ribes, colônia Santo Antônio, Pelotas.

Entrevistas com descendentes das famílias francesas na colônia Santo Antônio.

RELATÓRIO sobre a colônia São Feliciano/ Barão de Kalden em 12/10/1881. In: Relatório com que o Exm. Sr. Dr. Francisco de Carvalho Soares Brandão, Presidente da Província entregou a Administração da Província do Rio Grande do Sul a S. Ex. o sr. Dr. Joaquim Pedro Soares, Vice-Presidente no dia 14/01/1882. Caixa 98 de 1882 14/1 A-7.15. No Arquivo Público do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Jornais:

Conf. *Correio Mercantil* de 08/01/1875

Conf. *Correio Mercantil* de 26/07/1884.

Livros:

SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Tradução de Adroaldo Mesquita da Costa. 2ª ed., Porto Alegre: Martins Livreiro, 1987.

BECKER, Klaus. "A Imigração no sul do Estado de 1844-1852". In: **Enciclopédia Riograndense: Regional**. vol. 5, Canoas: La Salle, 1956.

BEUX, Armindo. **Franceses no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Nação, 1976.

- GRANDO, Marinês Zandavalli. "Narração do processo de formação de uma colônia agrícola no Rio Grande do Sul, no século XIX - A colônia São Feliciano (1861-1880)". **Ensaio FEE**. vol. 7, n.º 2, Porto Alegre, 1986.
- ISABELLE, Arsène. **Viagem ao Rio Grande do Sul, 1833-1834**. Trad e notas de Dante Laytano. 2ª ed., Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983.
- LEÓN, Zênia de. **Pelotas, casarões contam sua história**. Vol. 2, D. M. Hofstätter, 1994.
- MAGALHÃES, Mario Osorio. **Opulência e cultura na província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)**. 2ª edição Pelotas: EDUFPEL: co-ed. Livraria Mundial, 1993.
- OSÓRIO, Fernando Luis. **A Cidade de Pelotas**. 2ª edição, Porto Alegre: Globo, 1962.
- SPALDING, Walter. "Os franceses". In: **Enciclopédia Riograndense: Regional**. vol. 5, Canoas: La Salle, 1956.
- TWORKOWSKI, Irene e RAKOWSKI, Zeno. **Dom Feliciano**. , Porto Alegre: Gráfica Pallotti, 1984.
- ULLRICH, Carl Otto. "As colônias alemãs no Sul do Rio Grande do Sul". **Ensaio FEE**. vol. 5, n.º 2, Porto Alegre, 1984.